

# educação & realidade

## PRENDAS E ANTIPRENDAS

Educando  
a mulher  
gaúcha

Produção  
Cultural  
e Reprodução  
Social

Divisão Sexual  
do Trabalho  
e Escola

Política  
Educativa  
e Estado



# Sumário

Produção cultural é diferente de reprodução cultural é diferente de reprodução social é diferente de reprodução Paul Willis .....	3
Política educacional e Estado. O que se espera do Estado enquanto investimento na educação Carlos Roberto Jamil Cury .....	19
Prendas e antiprendas. Educando a mulher gaúcha Guacira Lopes Louro .....	25
“É impossível entender a escola sem uma teoria da divisão sexual do trabalho...” Entrevista com Michael W. Apple .....	57
A evolução das idéias pedagógicas no Brasil republicano Paulo Ghiraldelli Jr. ....	69
Fatores biográficos influenciantes na criatividade da mulher brasileira Solange Wechsler e Maria C.R.F. Guerreiro .....	81
Documento conclusivo do II Encontro de Revistas de Educação .....	87

## educação realidade

V. 11, nº 2, julho/dezembro de 1986

**Educação & Realidade** é uma publicação semestral da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Editores:** Rovilio Costa e Tomaz Tadeu da Silva

**Conselho Editorial:** Alceu R. Ferrari (presidente)  
Ângela M. B. Biaggio, Laetus M. Veit, Margot B. Ott,  
Maria Beatriz M. Luce, Renita L. Allgayer,  
Rovilio Costa e Tomaz Tadeu da Silva

**Secretária:** Jacy Busato

**Projeto Gráfico:** Abnel de Sousa Lima Filho  
(Central de Produções – FACED/UFRGS)

**Composição:** Artexto – Serviços Gráficos e Editoriais Ltda. – Rua Luiz Michielon, 853 – Sala 4 – Fone: (054)222.6223 – Caxias do Sul – RS

**Impressão:** Gráfica da Editora da Universidade de Caxias do Sul

**Capa:** Desenho de Santiago

**Assinaturas e números avulsos:** Pedidos de assinaturas e números avulsos devem ser enviados ao seguinte endereço, juntamente com cheque cruzado em nome de **Educação e Realidade**:

Educação e Realidade  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. Paulo da Gama, s/nº, 8º andar  
90.040 – Porto Alegre – RS  
Brasil

**Preços para 1987:**  
Assinatura – Cz\$ 80,00  
Número avulso – Cz\$ 50,00

ISSN 0100-3143

# “É impossível entender a escola sem uma teoria da divisão sexual do trabalho...”

**Entrevista com Michael W. Apple**

**M**ichael Apple pertence àquele pequeno grupo de educadores norte-americanos, lá chamados de “radicais”, que vem tentando construir uma teoria crítica das relações entre educação e sociedade. Seu livro *Ideologia e Currículo* (Brasiliense, 1982), aqui traduzido, contribuiu para torná-lo conhecido entre nós. Mais recentemente, ele escreveu o livro *Education and Power* (Routledge & Kegan Paul, 1982) e está lançando agora seu último livro, *Teachers and Texts* (Routledge & Kegan Paul). Esta entrevista foi realizada em outubro de 1985, em Porto Alegre. Participaram como entrevistadores os professores Nilton B. Fischer e Tomaz Tadeu da Silva.

*NOTA: Por coerência com sua própria análise, Michael é extremamente cuidadoso em usar uma linguagem que não seja sexista. Tentamos, na tradução, ser fiéis a esse aspecto da sua fala. Nem sempre a solução foi fácil, entretanto. Um exemplo em que a solução finalmente adotada não nos pareceu inteiramente satisfatória foi a palavra teachers. Em inglês ela não causa problemas já que designa, indistintamente, homens e mulheres. O seu equivalente, em português, professor/professora, causa problemas para quem não quer usar uma linguagem sexista. Usar a forma masculina, professor, além de não corresponder à observação empírica (no 1º e 2º graus), seria sexista por privilegiar essa forma para designar uma profissão que, como todas as outras, não é exclusiva de um sexo. Inversamente, o uso da forma feminina, professora, estaria marcando uma profissão como especificamente feminina. A nossa solução, a do uso da fórmula professor (a), contorna esses problemas, mas apresenta outros. Mas como tínhamos que decidir, na falta de melhor alternativa, foi a que acabamos adotando.*

**Tomaz** — *Eu começo pedindo ao Michael para falar um pouco sobre a sua formação e a sua experiência em educação.*

**Michael** — Eu venho de uma antiga e decadente cidade industrial em Nova Jérsey, nos Estados Unidos, onde a taxa de desemprego, mesmo quando eu era criança, bem no início dos anos quarenta, era de cerca de 40% ... Assim minha experiência é de um tipo específico ... Eu venho de uma família que é bastante politizada. ... Eu era professor (de 1º/2º graus), então comecei como professor substituto, depois de ter sido recrutado pelo exército e tê-lo deixado, para trabalhar nos bairros centrais de Nova Jérsey e de Nova Iorque. E trabalhei seis anos como professor de escola elementar e secundária. Depois fui fazer pós-graduação, Mestrado e Doutorado na Universidade de Colúmbia. Uma outra experiência importante é que eu fui presidente de um Sindicato de Professores e fui presidente numa época em que tivemos uma longa e violenta greve, que nós ganhamos. Daí eu saí da Universidade de Colúmbia, onde eu fiz minha pós-graduação, para a Universidade de Wisconsin-Madison, que é, eu acho, o campus mais politizado nos Estados Unidos. De forma que isto foi a continuação da possibilidade de um trabalho político ...

**Tomaz** — *Poderias nos dar uma breve retrospectiva do teu trabalho a partir do livro Ideologia e Currículo?*

**Michael** — *Ideologia e Currículo* é apenas a metade de um programa, que se constitui numa análise de como a ideologia funciona como uma força reprodutiva. Era uma leitura somente da noção de senso comum de Gramsci, não da ideologia como um campo de luta. Assim o meu trabalho desde *Ideologia e Currículo*, em livros tais como *Education and Power* ou meu novo livro chamado *Teachers and Texts*, tem sido uma tentativa de entender como elementos de percepção crítica e de percepção ingênua são sempre pensados como ideologia. Eu acho que este trabalho desenvolveu uma teoria mais sofisticada de como a cultura, a economia e o Estado interagem para formar a educação. O que estava faltando

no trabalho anterior, em *Ideologia e Currículo*, era uma teoria da luta, da ideologia como uma forma de poder que as pessoas tanto podem usar, como serem usadas por, e uma teoria da esfera política. Assim muito do meu trabalho tem sido uma tentativa de alargar minha perspectiva para a esfera política e de incluir a ideologia tanto no seu sentido positivo quanto no seu sentido negativo. Eu também tenho tentado aperfeiçoar a dinâmica de que falávamos. Eu quero sair do reducionismo econômico para falar da importância da política e da cultura. Também quero me afastar do que nós chamamos reducionismo de classe, onde tudo é explicado pela constelação de forças de classe. Eu acho que o sexo e a raça são muito importantes, não somente nos Estados Unidos. São categorias constitutivas para entender os movimentos sociais, para entender como a educação funciona. Assim a maior parte do trabalho agora tem sido sobre a relação entre classe, sexo e ensino. E também tentar entender como a economia, a cultura e a política combinam-se e contradizem-se umas às outras para formar a educação, o ensino e o currículo.

**Tomaz** — *O livro de Michael Young, Knowledge and Power, teve uma importância fundamental na definição de uma área chamada Sociologia do Currículo. Quais são as principais diferenças entre aquele trabalho e o trabalho que tem sido feito desde então e o teu próprio trabalho?*

**Michael** — Esta é uma questão importante. Existe uma introdução clássica à Nova Sociologia da Educação, sobre como o trabalho de Young iniciou, feita por Karabel e Halsey no livro *Power and Ideology in Education*, e eles examinam aí basicamente a literatura sobre Sociologia da Educação. Por causa disto eles não se dão conta de que Michael Young estava fazendo seu trabalho na Inglaterra, assim como Bernstein. Havia movimentos nos Estados Unidos que estavam tomando uma rota paralela, mas não em Sociologia, a maioria do trabalho estava sendo feita na área do Currículo. Assim

enquanto Young trabalhava na Sociologia da Educação e queria afastar-se do que se chamou a posição aritmética de Halsey e outros, ele não podia fazer conexões com a área de Currículo na Inglaterra, porque não havia tal área lá. Nos Estados Unidos existe uma tradição muito, muito antiga de trabalho político sobre currículo.

Assim as questões que Young começou a levantar sobre as relações entre poder e conhecimento, entre o que conta como conhecimento e os movimentos sociais, tinham sido levantadas por cerca de duas décadas nos Estados Unidos. E seria exatamente isto: para aquelas pessoas que estão familiarizadas com a área de Currículo nos Estados Unidos e outros lugares houve um grande debate sobre o que se chama o “rationale” de Tyler, que é um plano comportamentalista de currículo. E nessa controvérsia, começou um movimento, a partir de cerca de 1955, na teoria do currículo, de rejeição de sistemas comportamentalistas e de sistemas de planejamento e de controle das pessoas, e de defesa de uma teoria social e ética de currículo. E isto era similar ao que acontecia na Inglaterra e não foi senão quando o trabalho de Young tornou-se popular que as pessoas nos Estados Unidos e as pessoas na Inglaterra começaram a se dar conta que esses eram movimentos paralelos. Uma grande parte do meu trabalho inicial tornou-se uma ponte entre os dois. O que eu tentei fazer no trabalho antes de *Ideologia e Currículo* e em *Ideologia e Currículo* foi sintetizar o material britânico de forma que a área de Currículo e a Sociologia do Currículo pudessem juntar-se.

**Nilton** — *Eu tenho uma pergunta relacionada com nosso próprio trabalho como orientadores em nosso Programa de Pós-Graduação. Como é que trabalhas com teus estudantes em suas dissertações? Tu pensas que é somente um trabalho individual ou existiria uma outra maneira de encarar esse trabalho?*

**Michael** — Deixe-me tentar ser tão claro sobre isto quanto eu possa. Eu não acho que seja bom, jamais, trabalhar totalmente de maneira individual seja

como professor seja como estudante. Penso que a pós-graduação é uma fase muito especial na vida de alguém, onde você está lá por causa de um movimento político e porque um movimento político precisa de intelectuais orgânicos. E uma vez que somos pagos com a mais-valia do trabalho do resto da população, nós devemos sempre incorporar em nossa prática a política que nós queremos para a sociedade mais ampla, porque nós estamos sendo pagos pela exploração das pessoas naquela sociedade mais ampla. Assim, penso sobre a pós-graduação como um aprendiz e o estudante como um aprendiz de seu orientador, mas realmente não dele ou dela como uma pessoa, mas de uma tradição mais antiga que passa por mim e que eu quero que passe para outras pessoas. Mas para que este aprendizado funcione, ele deve ser feito coletivamente. Assim, toda sexta-feira eu e todos os meus estudantes de doutorado temos um encontro. São vinte e um, dez dos quais se encontram comigo às sextas-feiras, o resto ainda está fazendo sua pesquisa. Nós nos encontramos por três horas, e este é um período em que certas coisas acontecem. Quando eu escrevo, esta é a primeira audiência, de forma que eles se tornam meus primeiros críticos. Não sai nada meu até que eles aprovem. Eles podem não concordar, mas eles dizem “está pronto”. Assim não é somente que eles estejam trabalhando comigo, eu estou constantemente aprendendo com eles.

Quando é o caso de dissertações que tenham sido planejadas por algum estudante, a prática normal é pensar e conversar com a pessoa, eu e a pessoa, e então trazê-la para o grupo. Aí então ela é trabalhada, nós gastamos duas ou três semanas somente nas idéias de uma pessoa para a dissertação. E há então ajuda coletiva constante, encontros constantes, questões educadas, muito agudas às vezes, mas sempre tendo o cuidado de lembrar que a pessoa é o fator mais importante. Quando as pessoas estão estudando para o que chamamos “exames preliminares”, as questões são desenvolvidas conjuntamente pelo estudante e pelo professor. Elas nunca

são cegas. E as possíveis respostas são trabalhadas na frente do grupo. De forma que mesmo as respostas a teus exames, antes que tu possas continuar com tua dissertação, são trabalhadas coletivamente.

Agora, o que é muito importante sobre isto é que existe uma gama de posições políticas no grupo. Há pessoas que estão bem na extrema esquerda, há pessoas que são democratas-sociais, todos estão na esquerda. Há também pessoas de vários países. Um estudante de Barbados, por exemplo, que acredita muito fortemente que a política racial é a mais importante. Assim, as pessoas estão muito conscientes a respeito de diferentes formas de análise e elas estão muito abertas a elas. A chave, eu acho, é esta combinação de lermos juntos, estudarmos juntos e também de sermos muito conscientes de que as diferenças políticas não nos devem impedir de nos ajudarmos mutuamente. Na maioria das universidades aquelas diferenças políticas podem dividir os professores e os estudantes, e eu venho de uma instituição ... quando eu fiz minha pós-graduação na Universidade de Columbia, isto era muito violento. Eu penso, outra vez, que nós devemos refletir o tipo de sociedade em que acreditamos, em nossa pedagogia e especialmente em nosso trabalho com os estudantes de pós-graduação.

**Tomaz** — *Eu queria que tu falasses um pouco sobre o teu trabalho mais recente: o ensino como um trabalho feminino, que tu já mencionastes anteriormente. Mas eu gostaria que tu te estendesses um pouco mais sobre isto.*

**Michael** — Deixe-me dar primeiro as pré-condições conceptuais e políticas sobre isto. Eu nunca me satisfiz com a teoria econômico-reducionista Marxista. Eu não pertencço a uma Igreja e não estou preocupado com heresias. Nossas teorias devem ser desenvolvidas a partir de nossas práticas políticas correntes. De forma que eu não quero reduzir tudo à economia, no último momento. Eu acho que este último momento nunca chega, às vezes, e frequentemente este último momento foi há mil anos atrás, o que aponta para a importância de conhecer a

história. Essas teorias devem ser contra o reducionismo econômico e contra a redução à classe. Agora mesmo, por exemplo, nos Estados Unidos e em outros países capitalistas avançados, a maioria das posições na classe operária são preenchidas por mulheres, cujo trabalho tem sido proletarizado e desqualificado e tem sido empobrecido. Assim, mesmo que você seja um reducionista de classe, mesmo que você tenha uma posição de redução à classe na economia, você não pode ter uma teoria completamente articulada das relações de classe sem uma teoria da divisão sexual do trabalho e de suas mudanças ao longo do tempo, sem uma teoria das relações patriarcais. É simplesmente não-Marxista ignorar a experiência das mulheres. E eu penso que Marx seria o primeiro a admitir isto.

Agora, uma vez que eu entendo o Marxismo como uma teoria de materialismo histórico, isto significa que a teoria também deve mudar com as relações sociais que mudam ao longo do tempo. Isto significa que para entender o trabalho de ensinar nós devemos tomar esta teoria de forma séria. Nos Estados Unidos, como na maioria dos países, o trabalho de ensinar nas escolas elementares tem sido, amplamente, um trabalho de mulheres. E isto se articula, ao longo do tempo, com mudanças nas relações patriarcais e com mudanças na estrutura de classe. E o trabalho de ensinar tem sido historicamente uma extensão do trabalho doméstico. E isto significa que nós não podemos entender a forma com que o trabalho de ensinar é controlado e a forma com que os currículos são planejados sem que, primeiro, levantemos a questão “quem está fazendo o trabalho de ensinar”? Assim o que eu tenho tentado fazer é tomar esta questão seriamente, isto é, quem domina no ensino primário e elementar? Como isto difere do ensino na escola secundária? Quais as formas pelas quais controlamos o trabalho de ensinar? Quais são os mecanismos ideológicos pelos quais o Estado, a economia e as formas culturais formam o ato de ensinar e formam o ato de construção do currículo? Assim, na maior parte do

trabalho recente num livro que está para sair chamado *Teachers and Text*, que é sobre este tema, o que eu tento fazer é examinar a história e o tipo de políticas na Inglaterra e nos Estados Unidos sobre isto. Como o trabalho de ensinar tornou-se um trabalho feminino e o que aconteceu quando se tornou um trabalho feminino? Quais são as relações entre ser algo que parece trabalho feminino e o tipo de controle que se manifesta?

Agora, muito disto tem vindo de estudos do processo de trabalho. Está bastante claro, por exemplo, que tão logo algo torna-se um trabalho feminino, seu prestígio diminui. Há tentativas de proletariá-lo, de tirá-lo do controle das pessoas que o fazem e de racionalizá-lo. De forma que enquanto o trabalho da classe operária tem sido sempre submetido à lógica do capital, há uma outra dinâmica em operação. Quando uma posição torna-se um trabalho feminino, existe uma dupla opressão. Assim parte do meu argumento é que não podemos compreender o trabalho de ensinar a menos que vejamos como ele tornou-se um trabalho feminino, o que aconteceu quando tornou-se um trabalho feminino e como as mulheres lutaram de formas contraditórias. E isto toca numa série de temas que estão organizados no outro trabalho sobre ideologia, os elementos de percepção correta e de percepção equivocada, intenções, vendo o ensinar como um processo de trabalho com um tipo específico de ideologia. Eu vou dar um exemplo e aí eu páro de falar sobre isto. Os professores (as) nos Estados Unidos, por exemplo, pensam em si mesmos (as) como profissionais, ainda que, ao mesmo tempo, estejam perdendo controle de seus empregos. No mesmo exato tempo, as condições de seu trabalho estão sendo proletarizadas, de forma que seu salário tem diminuído por que os Estados Unidos estão passando por uma crise fiscal, que não é certamente tão ruim quanto a do Brasil, mas é ainda assim uma crise fiscal. Ainda assim os (as) professores (as) vêm a si mesmos (as) como sendo profissionais ao mesmo tempo que as suas condições de trabalho estão piorando, em parte porque as técnicas de controle do ensino são agora

mais racionais, os currículos são pré-empacotados, com muitos, muitos testes ... E a linguagem tem sido transformada numa linguagem de administração.

Nós poderíamos dizer, então, que os professores (as) estão sempre se tornando instrumentos ideológicos dos grupos dominantes. Porque, afinal, eles (as) não reconhecem o que está acontecendo a eles (as) quando pensam em si mesmos (as) como profissionais. Isto seria uma análise de classe do que está acontecendo, mas não podemos compreender as contradições das posições dos professores (as) a menos que compreendamos que a linguagem do profissionalismo quando usada por mulheres tem sido uma arma muito efetiva contra o controle de seu trabalho pelos homens porque os homens têm estado sempre nas posições mais altas dentro do sistema escolar e as mulheres têm feito o trabalho de ensinar na escola elementar. Assim a linguagem do profissionalismo fornece uma barreira muito efetiva contra a proletarização porque o trabalho feminino tem sido historicamente mais proletarizado. Isto significa que podemos usar isto como uma forma de compreender a dinâmica da posição de classe das mulheres e também entender a contradição em sua posição. Nós podemos começar a ver como trabalhar politicamente sobre isto, de forma que isto torne-se ... de forma que o trabalho da mulher, como ensinar, por exemplo torne-se uma forma de combinar a posição de classe e de sexo e sua dinâmica, e a forma de compreender a relação entre racionalizações econômicas e lutas culturais. Assim este é o tipo de trabalho que eu tenho tentado fazer.

**Nilton** — *Tu pensas que a forma de análise que tu vens desenvolvendo é bem aceita nos Estados Unidos ou é somente uma análise isolada? E tu pensas que tua análise tem alguma relação com países subdesenvolvidos ou países do Terceiro Mundo?*

**Michael** — Deixe-me começar pela primeira pergunta. Existe um debate importante nos Estados Unidos a respeito do reducionismo de classe e do reducionismo econômico. E entre teorias

estruturais e teorias culturais. Diferentemente de alguns de meus colegas, de Giroux, por exemplo, que é um grande amigo meu, nós concordamos em discordar sobre uma série de coisas ... eu acho que você não pode ignorar as relações sociais capitalistas. Enquanto eu sou um Marxista culturalista ou um novo Marxista, dependendo do lado da cama em que eu levanto de manhã, eu penso que realmente temos de argumentar em favor daquelas posições. Eu acho que devemos entender como as forças econômicas operam. Elas não são leis, mas são tendências, e a cultura tanto cria relações econômicas como é criada por elas, é uma posição muito dialética. Agora, por causa disto eu tendo a querer tomar uma posição intermediária entre o estruturalismo e o culturalismo porque eu acho que há bons *insights* em ambas. Isto significa que meu trabalho tende a ser aceito por Marxistas mais economicistas mesmo quando eu rejeito uma grande porção daquela posição. É aceita por pessoas que são fundamentalmente culturalistas porque eu quero combinar as duas. É aceita pelos estruturalistas tanto quanto por pessoas que vêem a ação humana como importante. Assim o meu caminho tem sido sempre o de tomar o que é bom em ambas e desenvolver a política num enfoque muito mais integrado.

Mas existem grandes diferenças. Um bom exemplo seria este: por causa das crises econômicas no capitalismo ocidental há um movimento de retorno à posição de Bowles e Gintis nos Estados Unidos e na Inglaterra, um movimento de retorno à economia como um fator primário. Eu acho que isto é fundamentalmente incorreto em algumas formas muito importantes. Porque, de alguma forma, supõe que existe alguma coisa lá fora chamada "a economia". E que de alguma forma passa através de outras coisas. Eu acho que esta é uma distinção tola e somente analítica entre relações econômicas e culturais. Todas as relações econômicas são culturais e todas as relações culturais são relações econômicas. De forma que eu não quero forçar. Eu quero combinar, eu não quero

separar. Agora, por causa disto haverá debates que estão surgindo entre Carnoy e eu, ele é um economista e eu ... eu acho que esta é uma metade da posição. Mas estes são debates muito especiais, porque nós temos bastante cuidado na esquerda nos Estados Unidos em não nos ferir uns aos outros, porque a comunidade esquerdista é muito dividida e muito pequena. Os Estados Unidos é o único país no mundo capitalista que não tem um movimento socialista de grande escala. Existe um movimento em certos sindicatos progressistas, no movimento negro, em alguns dos movimentos feministas socialistas. Não é visível como uma grande força política. Existem dois partidos: o republicano e o democrata. Por causa disto nós somos muito cautelosos em não deixar que este debate saia para fora. E isto é muito sensato porque os Estados Unidos também tem uma história em que, na esquerda, as pessoas se matam umas as outras. Elas não precisam da direita para isto. A esquerda se encarrega, como tem acontecido em outros países no passado. Assim, o meu trabalho ... Eu penso que por causa da minha tendência que é estar entre grupos, e também em estar ligado muito de perto a sindicatos onde eu faço muito trabalho político, e a grupos de professores (as) onde eu faço muito trabalho feminista e político de classe, eu estou ligado mais diretamente a sindicatos e a organizações nacionais de professores, de forma que eu sou capaz de trabalhar estas coisas de formas que outros, talvez, não possam.

Agora, sobre o assunto do Terceiro Mundo e do reducionismo de classe. Esta é uma questão difícil, porque eu não penso ... Eu não gosto da linguagem: desenvolvido, subdesenvolvido ... Em certo sentido, ela diz que existe um modelo lá fora, chamado Estados Unidos, que tudo seria melhor se todos os países se parecessem com os Estados Unidos. A razão porque os Estados Unidos é como é, é porque nós exploramos o resto do mundo. É isto ... eu não gosto da linguagem. Eu penso que classe não seja a categoria primária, mas também penso que é a um dos

instrumentos analíticos mais importantes para entender o desenvolvimento internacional como um processo de acumulação capitalista. Eu penso que tu não podes compreender as questões de educação no Brasil, por exemplo, sem entender o contexto internacional da divisão social do trabalho ou o capital internacional, uma vez que o Brasil é parte de uma economia mundial. Eu penso também que, internamente, as relações de classe devem ter prioridade na explicação de movimentos sociais particulares nos países do Terceiro Mundo. Assim em minha análise, eu tendo a dar prioridade, no Terceiro Mundo, a relações de classe.

Entretanto, eu acho que há perigos muito reais nisto, e um grande perigo. Um deles é que pode envolver o que se chama a tese da automaticidade. Uma vez que as condições tornem-se suficientemente más na economia, as pessoas que são pobres, ou os trabalhadores se revoltarão. Não há nenhuma evidência que este seja o caso. E o marxismo economicista e o marxismo reducionista de classe tendem a não aprender as lições que Gramsci nos ensinou. Que existem pré-condições culturais para todos os movimentos e que não existe nenhum movimento automático. Isto significa que nós temos que ver como os movimentos sociais são formados. E os movimentos sociais podem ser mais amplos que os movimentos de classe. E há uma vasta literatura emergindo sobre a formação de movimentos sociais que são populares que incorpora a dinâmica racial, etc. Penso que nós temos muito que aprender disto, especialmente naqueles países em que existe uma história de opressão racial, uma grande questão é a do racismo. E o Brasil é uma dessas nações.

Desta forma, eu seria muito cauteloso, então, em só ver classe. A outra razão pela qual eu seria cauteloso, mesmo que eu privilegie classe como um ponto de partida, é que naqueles países em que há relações privilegiadas de classe, mesmo quando houve transformações sociais, ainda persistem relações de dominação por sexo. E eu quero argumentar que na medida em que não incluamos a

dominação sexual e racial em nosso programa nós fracassaremos. Isto não é socialista, não é democrático. Desta forma, embora eu queira privilegiar classe como um ponto de partida, porque é muito visível, é muito potente, eu quero que sejamos muito cautelosos sobre estas tendências.

**Tomaz** — *Eu gostaria de ouvir tua opinião sobre as formas ns quais intelectuais como nós na Universidade, podem cooperar com professores (as) nas escolas para transformá-las.*

**Michael** — Eu serei muito honesto aqui. Eu não acho que haja qualquer Cálice Sagrado, que haja qualquer método que se possa aplicar. Eu penso que isto funciona através da prática política. Mas há tendências que podem ser apontadas. A primeira é livrar-se a si mesmo da noção de falsa consciência, de que todos os (as) professores (as) são fantoches, de que tudo o que eles as fazem é ter valores que passam através deles (as) e de que eles (as) não têm valores de percepção correta, como têm de percepção equivocada. Eu acho que muitas das intuições dos (as) professores (as) sobre o que está acontecendo com as crianças, com seus próprios empregos e com a sociedade são interessantes e com frequência corretas. Não faz parte da linguagem de esquerda dizer que elas estão disponíveis e que estão lá. Assim a primeira coisa é se afastar da noção de que ... é bastante peculiar a muitas universidades a noção de que todas as análises políticas e todos os métodos de fazer um trabalho educacional vem do alto, agora. Os professores (as) (de 1º e 2º graus) desenvolveram seus próprios processos de trabalho que, com frequência, funcionaram. E seria, eu acho, um erro negar que eles (elas) sabem um bocado, mesmo aqueles (as) que não têm uma educação universitária. Assim a primeira coisa é isto, reconhecer que há elementos de percepção correta no trabalho dos professores (as), e que pode haver temas democráticos e genuinamente populares perpassando-os, que eles mesmos não compreendem. Outra coisa é fazer pesquisa não sobre professores (as), mas *com* professores (as) de forma que se tome seriamente seus

reais problemas, sem desconsiderá-los. Nós podemos pensar que esses problemas são causados pela economia, podemos pensar que a compreensão que os (as) professores (as) têm desses problemas é errada. Mas sempre que fazemos algum trabalho com professores (as) devemos estar *com* eles (as), devemos agir para criticá-los e abrir-nos para as críticas deles. E como uma forma democrática genuína.

Isto constitui uma tensão porque nós temos a sorte de ter um tempo livre para estudar as realidades sociais, em formas que nós conquistamos ... Eu acho que o tempo livre para estudar o que está acontecendo na sociedade é o que nós queremos que todas as pessoas tenham. De formas que não há nada errado nisto. E nós temos algo para oferecer em termos de análise, em termos de fazer as pessoas se distanciarem e examinar o impacto latente de seu trabalho e do currículo. Mas esse tipo de coisa somente pode ser frutífero, somente pode funcionar se é feito numa forma democrática. Isto significa que as pessoas na universidade têm que definir suas tendências de forma diferente. Eu acho que qualquer análise que é escrita em uma forma impossível de se comunicar é elitista. Assim parte da luta não é trabalhar com professores (as), embora isto seja importante, mas lutar internamente na universidade e dentro de nós mesmos, para nos certificar que a audiência, o leitor não seja a única pessoa a fazer o esforço. Nós devemos lutar para tornar nosso próprio trabalho disponível em formas que sirvam para eles (as). Agora, isto é difícil de fazer. E muitos de meus colegas têm-se repetidamente recusado a tomar este passo. O (a) leitor (a) ou o (a) professor (a) tem que fazer todo o trabalho de compreensão e eu penso que isto é uma política errada de nossa parte. Nossa política deve ser a de também contribuir com metade do esforço. Porque se nossas análises estão corretas então elas devem fazer sentido para as pessoas e nós devemos lutar para isto.

Uma última coisa, eu acho que não devemos romantizar, entretanto, o que nós podemos fazer com os (as) professores (as) e o que nós, como

acadêmicos, podemos fazer para transformar as escolas. As escolas são instituições com uma base estrutural. Nunca serão fáceis de mudar e existem muitas coisas que, eu acho, os acadêmicos não podem mudar. E eu acho que nós temos um pouco demais de elitismo. Exatamente como os professores (as) trabalham em certo tipo de condições, assim nós também trabalhamos em outro tipo de condições. E nosso trabalho pode não ser mais importante que seus trabalhos. Assim, isto significa que nós e os (as) professores (as) devemos começar a ver nós mesmos não como os (as) professores (as) da universidade e os (as) professores (as) nas escolas podem trabalhar juntos para mudar as escolas mas como nós devemos nos tornar parte de movimentos sociais muito mais amplos, juntos, que formem coalizões para a reforma social e educacional. Assim não é nós levando algo a eles (as) embora eu ache isto importante, e eles (as) trazendo algo a nós, mas que formemos com outros movimentos, isto faz uma diferença. Porque a academia não é o lugar onde a mudança esteja.

**Tomaz** — *Eu quero te fazer agora uma questão bem prática. Como uma pessoa politicamente comprometida lida com as relações sociais dentro da universidade, dentro da sala-de-aula, com formas de avaliação que sejam democráticas ao invés de opressivas, e também em termos de mudar as relações hierárquicas dentro da universidade. Como se age para transformar as relações na esfera administrativa, qual o trabalho político a ser feito aí?*

**Michael** — Esta é uma questão muito importante. Deixe-me começar fora da universidade e então voltar para dentro da universidade. Muito da minha politização é formada não somente pela universidade mas pelo meu trabalho com sindicatos. Eu sou treinado não somente em sociologia ou filosofia, mas como um trabalhador de currículo. Eu tenho habilidades práticas. Eu trabalho com um grupo de membros esquerdistas de um sindicato e uma grande fábrica de automóveis e eles querem criar material de educação política para seus membros.

Eu tenho habilidades na construção de currículo e na redação de materiais para propósitos educacionais, que é parte do meu treino. Assim eu tenho trabalhado nos últimos dez anos com eles, para ajudá-los a desenvolver as habilidades para construir materiais que façam diferença, que analisem suas próprias situações no local de trabalho, na fábrica. Agora minha tarefa lá é tornar-lhes habilidades de forma que eu me torne apenas um membro do sindicato.

Assim, isto tem influência na forma em que eu penso meu trabalho na universidade. Porque eu não acho que a política universitária seja suficiente. Mas eu acho que a universidade é um campo no qual uma luta política real tem lugar e é muito importante. Então eu penso que uma influência a outra. Com frequência o que tento argumentar é que ao invés de dizer que a luta está lá fora na economia, em algum lugar, e que esperemos para aquela luta mudar o que acontece nas escolas, nós devemos lembrar que nós também somos a economia, nós temos relações salariais e de trabalho onde nós trabalhamos. Nós temos relações de classe, sexo e raça aqui mesmo na universidade. E antes de dizer que a luta está na fábrica ou em lugares onde existe produção, nós estamos produzindo estudantes, nós estamos produzindo em nossos atos cotidianos opressão de classe, de sexo e de raça para a democracia. Por isto eu acho que existem muitas, muitas coisas que acontecem na universidade, porque eu sou Gramsciano. Eu acho que nós devemos cercar o Estado com relações sociais pré-formativas em nossos contextos locais.

Deixe-me então começar com certas coisas sobre avaliação e ensino então ir para as relações na universidade. Eu acho que não devemos jamais nos sentir culpados sobre as coisas tais como aulas expositivas. Eu acho que há, de fato, muita aula expositiva e a maioria delas é horrível. Mas há razões pelas quais os estudantes escolheram deixar suas famílias e seus empregos, frequentemente, para estudar. E eu acho que aquilo que é uma doença americana, "o hedonismo":

tudo está bem, nenhuma disciplina é exigida, e se compra a felicidade, é uma ideologia de individualismo possessivo. Eu acho que é preciso disciplina da parte dos professores e dos estudantes para aprender, e é trabalho árduo. Mas deve ser feito em um forma que o torne relevante às necessidades dos estudantes e deve estar aberto à crítica. Assim nas disciplinas que eu ensino, às vezes há aulas expositivas porque frequentemente é melhor dar análises bem organizadas, porque economiza tempo e porque é o meu trabalho. eu sou pago para organizar coisas para as pessoas, ensinar envolve dizer, às vezes. Mas no meio de toda aula expositiva eu páro e digo: é isto o que vocês queriam? E o que eu preciso fazer agora antes de continuar? Não somente perguntar, mas também o que falta fazer. Isto está indo de encontro às necessidades de vocês? E no final há uma sessão de críticas. De forma que a idéia é honestamente estabelecer uma forma na qual as pessoas confiem umas nas outras. E isto é muito difícil de fazer. Não é uma coisa que se constrói facilmente porque há relações sociais na universidade que são muito competitivas, em que tudo o que importa aos estudantes é a nota, porque o mercado de trabalho é muito competitivo. É difícil para eles aprenderem estes estilos também. É muito difícil para eles criticarem uns aos outros e a mim. Porque eles sentem que eu posso lhes dar uma nota baixa por causa disto.

Assim o que eu faço é prometer que se eu sou criticado de forma que seja cooperativa não haverá nenhuma influência na nota. No fim de cada aula que eu dou, de cada disciplina, a disciplina é reconstruída. Assim a última aula é uma reconstrução de outra disciplina. O que estava bom, o que estava errado? Como deve ser mudada para o grupo seguinte de estudantes? De forma que este tipo de crítica é feito de forma que eu possa me tornar um melhor professor. Muito do que é feito nas disciplinas de currículo que eu ensino envolve habilidades que as pessoas possuem, que são partilhadas. E então eu hajo como um crítico e também como alguém que facilita a discussão. Assim, a

tentativa, ao menos em relação ao ensino é ter aulas expositivas às vezes, mas elas estão abertas àquelas críticas e questões. É dar a oportunidade de os estudantes expressarem suas experiências e de fazer uma aula em que eles sintam que têm algum controle. Isto é apenas boa pedagogia. Eu acho que às vezes um bom trabalho pedagógico é um bom trabalho político.

A nota é às vezes um problema. Eu quero ser franco aqui. Eu tenho tentado uma variedade de coisas, algumas das quais são mais satisfatórias que outras. Uma é avaliação coletiva, que leva muito tempo e é muito difícil de fazer. Neste caso a turma escolhe um comitê, e todos entregam seu trabalho e o comitê, que é democraticamente eleito, faz a avaliação. Isto não funciona a maioria das vezes. Mas é uma coisa que eu tentei. Eu estou constantemente experimentando, tentando fazer isto mais democraticamente. Porque é um verdadeiro problema, porque a universidade insiste que demos notas. E se damos "A" para todo mundo, ninguém gosta, nem mesmo os estudantes. Outra forma que eu experimentei foi que haverá grupos de estudantes que se formam, quatro, cinco, e eles lêem, uns os trabalhos dos outros. E eles democraticamente discutem as notas. E eles dizem: "Olha, tu não estás levando isto a sério, tu estás brincando ..." e isto está aberto para discussão no grupo. Isto funciona melhor, mas é muito rancoroso, e ainda é muito competitivo.

O que eu decidi foi experimentar continuamente. E dependendo da disciplina, se é uma turma gigantesca, uma das minhas disciplinas tem 200 estudantes, o que eu tendo a fazer é isto: Se tu fazes um esforço sério ... eu não dou exames, eu não acredito neles, por razões psicológicas tanto quanto por razões pedagógicas. A curva do esquecimento ... se eu dou o mesmo exame três dias mais tarde, você terá esquecido a metade de qualquer forma. Mas também por razões políticas eu não vejo a razão para exames. O que eu tento fazer então é dizer: Vocês têm uma variedade de projetos. Eu quero que vocês tentem coisas que não sejam trabalhos escritos. Eu mesmo faço filmes. Eu faço filmes

com crianças. Eu quero que vocês tentem fazer filmes, algo que não seja escrito assim como também trabalhos escritos. Se vocês tentam fazer isto, eu garanto que vocês não tiram menos que "B", nosso sistema é A, B, C, D, F. Assim, se vocês tentam algo experimental, eu garanto que não prejudicarei suas notas. Desta forma eu faço a metade, e qualquer trabalho escrito que se começa é sempre provisório. Pode ser refeito até que nós estejamos ambos satisfeitos com ele. Assim minha primeira leitura é sempre uma primeira leitura. Sempre há comentário sobre ele, ele é devolvido e eles o refazem. Mas, outra vez, como todas as pessoas, eu não estou satisfeito com nada disto. Acho que a questão é: como continuar experimentando de forma a encontrar modos que vão de encontro às necessidades de todos?

Agora sobre as relações sociais dentro da universidade. Este é um problema real. Falando muito pessoalmente, eu acho que aí é onde uma porção de ação política é exigida. Eu tenho proposto que na nossa universidade todas as secretárias tenham o direito de votar nos processos de *tenure* (estabilidade do professor). Porque nos Estados Unidos a forma de obter *tenure* é... você deve escrever um bocado e ensinar e então teus colegas votam no fim de cinco ou seis anos no teu *tenure*. E então você tem a garantia do teu atual emprego. Então parte da luta em que um nosso grupo está engajado em Wisconsin é de conseguir que as secretárias e todos os funcionários de escritório votem sobre ele, para dar-lhes o direito de votar em quem serão os membros da comunidade. Esta é uma forma de mudar as relações de sexo porque quase todos os funcionários de escritório são mulheres e isto é também uma forma de alterar relações de classe, porque nós construímos a dinâmica de classe e sexo toda vez em que pisamos na universidade. Assim o esforço, então, é o de encontrar mecanismos no qual nós podemos democratizar nosso local de trabalho. Não esperar que os locais de trabalho, lá fora, na economia, entre outras, sejam democratizados. Nós estamos em locais de trabalho, nós somos parte da economia, nós somos parte da

luta cultural e política ali mesmo. Devemos democratizar o lugar do qual estamos próximos.

**Tomaz** — *Eu sei que tu tens estado trabalhando no que tu chamas “a economia política da publicação do livro didático”. Podes dar mais alguns detalhes sobre isto?*

**Michael** — Sim. Eu acho que a forma com que nós, nos Estados Unidos, dizemos isto, é: nossa palavras adquiriram asas. Nós não temos mais nenhum referente para nossas teorias. E eu objeto às teorias em educação que não sejam relacionadas ao currículo e ao ensino reais. Do contrário, elas são abstrações refletidas. Se lemos Marx, mesmo nos seus trabalhos mais teóricos, ele está ligado à economia política do Estado naquela época. E está cheio de referência empírica. Agora, eu não sou um positivista, eu não acho que o empirismo seja a solução, mas penso que nós devemos tentar usar os instrumentos que nós desenvolvemos. Refiná-los em situações políticas reais. Penso que se não compreendemos as relações entre a cultura, a economia e o Estado em educação ... nós aplicamos aqueles conceitos se eles realmente funcionam. O livro didático é a melhor constelação de todas essas forças juntas. É tanto uma mercadoria econômica como uma forma na qual a cultura é tornada mercadoria, é tornada disponível ou não. E na maioria dos países tem relações muito estreitas com o Estado. É através de Ministérios da Educação, nos Estados Unidos através de Comitês do Livro Didático, que realmente as relações entre a cultura, a economia e o Estado se combinam, numa forma que nós podemos ver como isto opera. Usando os conceitos para explorar como o que conta como conhecimento legítimo é produzido, como é distribuído e como é apropriado por professores (as) e estudantes, nós podemos ver o circuito da produção cultural e podemos também intervir em cada nível. Assim a tentativa em relação ao livro didático é a de tomar os conceitos que têm sido desenvolvidos para aplicá-los a um campo específico da produção de conhecimento legítimo que é, com frequência, conhecimento de elite, para

ver o que realmente acontece, para ver como ele é reapropriado por professores (as) e estudantes em uma forma que é algumas vezes emancipatória tanto quanto opressiva. E então, como isto forma uma base para a ação?

O que eu comecei a fazer, principalmente, não é somente um trabalho econômico, onde a economia das editoras é quem decide o que entra. Como os grupos dominantes funcionam realmente e como as frações de classe nas classes médias e na pequena burguesia agem para patrocinar seu próprio conhecimento, que algumas vezes contradiz o conhecimento de grupos de elite? Então nós começamos a ver o que é, eu acho, uma forma muito mais detalhada de como o conhecimento é realmente produzido, o conhecimento de quem é introduzido e a ver, neste circuito de produção, onde nós realmente podemos fazer alguma coisa além de somente teorizar sobre isto. Assim, este é o meu trabalho sobre isto.

**Tomaz** — *Nós terminamos com os comentários finais de Michael.*

**Michael** — Deixe-me falar um pouco sobre a importância deste encontro para mim. Porque eu penso que a maior parte do tempo as pessoas tendem a pensar sobre quanto eu teria contribuído para o desenvolvimento do pensamento e do trabalho e da análise nos lugares onde eu vou. Nos Estados Unidos, como um país que é economicamente e culturalmente imperialista em algumas importantes formas, isto tem um efeito sobre nós, isto nos torna ignorantes das reais condições de vida e de luta no Terceiro Mundo e em outros lugares. Assim uma das coisas que eu mais gostei sobre este encontro foi a habilidade para ver que certos tipos de análises e lutas e movimentos políticos são de fato internacionais. E permitiu conexões que são muito, muito importantes.

E também me proporcionou uma forma de ver quão importante é compreender o contexto internacional dos Estados Unidos. Isto é crucial, eu acho, quando eu voltar para os Estados Unidos. Porque não é somente o fato de que eu vim influenciar as pessoas aqui, mas meu papel também é voltar e ter

sofrido a influência disto. Nós dizemos nos Estados Unidos: não existe um problema das mulheres, o que existe é um problema dos homens. Não existe um problema dos negros, o que existe é um problema dos brancos. Não existe ... um problema brasileiro, bem existe um problema brasileiro, mas não existe um real problema brasileiro, tanto quanto existe um problema dos Estados Unidos. E nossa tarefa é voltar e fazer uma diferença, a partir do que nós aprendemos, lá onde nós estamos. Porque existem lutas políticas que estão localizadas necessariamente lá para

fornecer um contexto melhor para o tipo de educação e trabalho político que se passa aqui. E isto torna-se muito, muito importante, eu acho. E aquilo com que eu saio daqui é com este real reconhecimento.

\* \* \*

\**MICHAEL APPLE* é professor da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos.

A *Entrevista*, dada em inglês, foi traduzida pelo prof. Tomaz Tadeu da Silva